

MAPEAMENTOS ALTERNATIVOS PARA USAR NA EDUCAÇÃO BÁSICA:

O simbolismo dos mapas nos encartes imobiliários

Rodrigo Batista Lobatoⁱ

Dr. em Geografia UFRJ
Universidade Veiga de Almeida

**Paulo Márcio Leal de
Menezesⁱⁱ**

Dr. em Geografia UFRJ
Universidade Federal do Rio de
Janeiro

Resumo

Um dos desafios da docência na Educação Básica para o professor de Geografia é o ensino de Cartografia, no qual pode ser percebido por alguns vieses: currículo de Cartografia defasado; práticas sociais mais aceleradas que o conteúdo da escola; aulas de Cartografia teórica sem correlacionar com o cotidiano; ensino de Cartografia com aspecto de aula de matemática. Visando trazer novas possibilidades para o ensino de Cartografia, esse artigo tem por objetivo apresentar os diversos discursos e o caráter simbólico dos mapas nos encartes imobiliários na cidade do Rio de Janeiro e suas possibilidades outras de ensino, para tratar do uso da Cartografia como metáfora do espaço geográfico. Para realizar esse estudo, o ponto de partida foi coletar os encartes ou panfletos imobiliários nas ruas da cidade do Rio de Janeiro, somado a revisão bibliográfica para analisar os discursos e simbolismo dos mapas. Foram analisados cinco encartes imobiliários e como resultados, pode-se perceber nesses mapas um discurso e suas simbologias para ratificar um projeto de marketing para valorizar os empreendimentos à venda.

Palavras-chave: Mapeamentos alternativos, discursos cartográficos, ensino de Cartografia, simbolismo dos mapas, encartes imobiliários.

ALTERNATIVE MAPPING FOR USE IN BASIC EDUCATION: THE SYMBOLISM OF MAPS IN BUILDING INSERTS FOR SALE

Abstract

One of the challenges of teaching in Basic Education for the Geography teacher is the teaching of Cartography, which can be perceived by some biases: outdated Cartography curriculum; social practices more accelerated than the content of the school; theoretical Cartography classes without correlation with the daily life; Cartography teaching with an aspect of mathematics class. Aiming to bring new possibilities for the teaching of Cartography, this article aims to present the diverse discourses and the symbolic character of the maps in the real estate inserts in the city of Rio de Janeiro and its other possibilities of teaching, to deal with the use of Cartography as a metaphor

i Endereço institucional:
Rua Ibituruna, 108 - Maracanã,
Rio de Janeiro - RJ, 20271-020
Endereço eletrônico:
rodrigolobato.geo@gmail.com

ii Endereço institucional:
Av. Athos da Silveira Ramos, 274
- Cidade Universitária da
Universidade Federal do Rio de
Janeiro, Rio de Janeiro - RJ, 21941-
909
Endereço eletrônico:
pmenezes@acd.ufrj.br

of the geographic space. To carry out this study, the starting point was to collect the inserts or pamphlets of the buildings for sale on the streets of the city of Rio de Janeiro, added to a literature review to analyze the discourses and symbolism of the maps. Five real estate inserts were analyzed and as results, one can perceive in these maps a discourse and its symbologies to ratify a marketing project to valorize the enterprises for sale

Keywords: Alternative mapping, cartographic discourses, Cartography teaching, symbolism of the maps, flyers of buildings for sale.

Introdução

Um dos desafios da docência na Educação Básica para o professor de Geografia é o ensino de Cartografia, no qual pode ser percebido por alguns vieses: currículo de Cartografia defasado (SSEMMANN, 2015); práticas sociais mais aceleradas que o conteúdo da escola (GIRARDI, 2014); aulas de Cartografia teórica sem correlacionar com o cotidiano (LOBATO, 2020); ensino de Cartografia com aspecto de aula de matemática (SEEMANN, 2013).

Os debates dentro dessa temática têm crescido, assim como as pesquisas voltadas para o ensino de Cartografia, e nisso observa-se como os eventos acadêmicos com esse objetivo estão cada vez maiores e recebendo mais trabalhos, por exemplo, o Colóquio de Cartografia Infantil, com a sua última edição em 2020 que ocorreu na modalidade *online*¹ na Universidade Federal de Santa Maria (RS).

Jorn Seeman (2015) discorre que os currículos de Cartografia no Brasil precisam ser revisitados para renovarem suas ementas, visto que em seu capítulo, Currículo Dente-de-Sabre de Cartografia nos convida a refletir nos objetivos dessa ciência, de modo que os conceitos são apresentados de forma engessadas e nem acompanhar as mudanças na sociedade.

Sobre essas mudanças que ocorre na sociedade, Gisele Girardi (2014), identifica esse ensino de Cartografia por dois caminhos: pela escola ou por nossas práticas

¹ Essa modalidade e a não cobrança do evento favoreceu também o aumento de participando assistindo e apresentando trabalhos, mas apesar disso, o tema tem ganho notoriedade.

sociais. Para a autora, o primeiro caminho está com foco nas regras e convenções cartográficas, não abrindo possibilidades para outras formas de Cartografias, de tal modo que, os mapas que fogem aos conceitos apresentados não são vistos como mapas.

Por outro lado, Girardi (2014) considera que aprender de acordo com as práticas sociais é o próprio cotidiano ensinando o uso e a leitura dos mapas, sobretudo daqueles que fogem a regra dessa única possibilidade de ensino. Assim, tais práticas sociais estão aceleradas com as práticas cartográficas, no qual Lobato (2021) considera isso como uma sociogênese cartográfica, isto é, a inserção em um plano social com uso da Cartografia no dia a dia.

Sendo assim, a partir de Lopes (2018), pode-se estabelecer que essas práticas cotidianas estão presentes no espaço geográfico, e “se o espaço geográfico é produzido e produz a história humana, constitui também o humano.” (p.51). Em suma, existe, assim, porque está inserida em uma dimensão geo-histórica, conforme o mesmo autor.

Observando outra perspectiva, amparada na ideia de Lopes (2007; 2012), destaca-se que as crianças não estão no espaço, não estão no território, não estão no lugar e não estão na paisagem, isso porque, elas são o espaço, elas são o território, elas são o lugar, e elas são a paisagem, sendo assim uma unidade vivencial.

Assim, afirma-se que essa unidade vivencial em um contexto de sociogênese cartográfica, pois, permite que a Cartografia e seus mapas façam mais sentido na esfera da vida, do que na esfera escolar da decoreba, dos conceitos matemáticos e da falta de correlação com o “*eu fora de sala de aula*”.

O que fora dito até aqui, vai de encontro com Lobato (2020), ao apontar que o professor ao ensinar Cartografia em sala, tem dificuldade em correlacionar a teoria com a prática da criança, mas acaba dando uma explicação de escala cartográfica e essa aula se assemelha mais a uma aula de Matemática do que Cartografia em si, como chama atenção Seemann (2013).

Essa superação do professor em não se restringir apenas neste ensino Escolar/Oficial do mapa, permite que as crianças desenvolvam autorias cartográficas (LOPES E MELLO, 2017), potencializada pelos seus mapas vivenciais (LOPES et al, 2016).

Esse estudo é extensão da tese defendida, cujo título é “Multiletramentos na Cartografia”, no qual buscou-se realizar uma discussão epistemológica nos conceitos abordados no ensino de Cartografia e visitou a área educacional para fazê-la.

Por conseguinte, este artigo tem por objetivo apresentar os diversos discursos e o caráter simbólico dos mapas nos encartes imobiliários na cidade do Rio de Janeiro e suas possibilidades outras de ensino, para tratar do uso da Cartografia como metáfora do espaço geográfico.

Para realizar esse estudo, o ponto de partida foi coletar e selecionar 5 encartes ou panfletos imobiliários nas ruas da cidade do Rio de Janeiro, somado a revisão bibliográfica para analisar os discursos e simbolismo dos mapas.

Mapas sim, imagem meramente ilustrativa não.

Um ponto inicial para se posicionar neste estudo, é a respeito das representações (carto)gráficas dos encartes, no qual, estaremos tratando delas como mapas. Ao vê-las como um mapa, estaríamos seguindo o percurso formativo em que o ensino de Cartografia na escola não acompanha os mapeamentos cotidianos e negando-as por não estaremos de acordo com as regras e convenções cartográficas.

Considerar tais representações como mapas, significar reconhecer também que a sociedade atual está inserida em uma cultura cartográfica, mesmo que essa espacialidade tenha sido comunicada por outras maneiras de mapear, mas que estão acessíveis tanto para ler, assim como elaborar e comunicar cartograficamente informações da superfície geográfica.

Corroborando com os cânones cartográficos, há quem diga que tais representações não são mapas. Entretanto, neste trabalho será considerado que tais representações gráficas, são mapas sim, sem reduzi-los a croquis ou a um mero desenho sem escala, sem precisão, e assim, pode-se trazer uma discussão feita por Corrêa:

Mas, **o que faz um documento ser chamado de mapa tanto no século XXI quanto no século XVI?** Atualmente, é primordial a presença de alguns elementos básicos: escala (gráfica e/ou numérica); coordenadas referenciadas a um sistema geodésico; altitudes referenciadas a uma origem (datum) vertical; sistema de projeção; indicação do Norte (geográfico, magnético ou de quadrícula); entre outros. Porém, no passado, nem sempre os mapas tiveram todas essas variáveis. **E o que os fazia então serem chamados de mapas? Antes de tudo, eles representavam fenômenos em suas posições, senão absolutas, relativas à posição de outros fenômenos.** Era esse posicionamento gráfico (ou geográfico) dos fenômenos da Terra conhecida que auxiliava, por exemplo, nas grandes navegações marítimas. Cabe ressaltar, porém, que navegar é ir de um ponto A para um ponto B, não necessariamente sobre a água. (CORRÊA, 2008, p.22). (Grifo do autor)

Diante desse debate sobre mapas e não mapas, Girardi (2012; 2014), elucida uma importante reflexão, para compreendermos algumas restrições por alguns teóricos da área cartográfica, em quê:

Que demandas e práticas sociais com mapas estão sendo inventadas? Em que medida a Cartografia (incluída aí aquela desenvolvida no interior da Geografia) acadêmica/institucional tem sido refratária a estas invenções ao determinar a priori que não são mapas por não se enquadrarem num modelo, ou numa identidade fixa do que é mapa baseada em prescrições? Quais implicações políticas (aí entendemos no sentido mais amplo da política como negociação) dos diferentes modelos de espaço conceber nas práticas sociais que utilizam mapas? (GIRADI, 2014, p.87-88). (Grifo do autor)

Quando não consideramos esses desenhos como mapas, estar-se-á seguindo de acordo com o referencial teórico da Alfabetização Cartográfica (SIMIELLI, 2006). Além disso, esse referencial faz uso de outro conceito considerado como a gramática da Cartografia, a Semiologia Gráfica de Jarques Bertin que considera o mapa ter uma mensagem monossêmica (MARTINELLI, 2014).

Esta noção de leitura do mapa tendo uma única mensagem é outro ponto divergente, pois considera-se neste estudo os mapas com uma mensagem polissêmica. Sendo o mapa uma figura, o mesmo não pode ter como emitir uma única mensagem, pois o cartógrafo que faz o mapa, não pode impedir as diversas apreensões do leitor. Em outras palavras, mesmo que o criador do mapa defina um sentido monossêmico para o mesmo, quem fizer a leitura pode ter uma apreensão plural, queira-se ou não.

Nesta reflexão, tais encartes imobiliários tem-se mapas com uma linguagem cartográfica ou apenas imagens com uma mera representação gráfica? Se essa definição for pautada em uma Cartografia acadêmica e oficial, afirma-se que tais encartes não possuem mapas.

De acordo com Girardi (2014), isso ocorre pela evidência das conexões entre perspectivas de leitura de mapas. Seguindo nessa contramão, Gonçalves (2008), aborda que essas representações são mapas, assim, podemos nos basear em outros autores para corroborar com o entendimento que essas imagens são mapas (CORRÊA, 2008; SEEMANN, 2010; GIRARDI, 2012), e que possuem uma linguagem cartográfica cheia de intenções de quem comunica (LOBATO, 2020).

Ao ter em vista tal compreensão, foi selecionado cinco encartes para observar esse discurso ao fazer uso da linguagem cartográfica na comunicação desses Empreendimentos Imobiliários (EI). Desta maneira, pode-se perceber uma frase em letras muito pequenas em todos eles, que é uma explicação para os seus mapas, ou melhor dizendo, para explicar que eles não são mapas, com as seguintes justificativas:

EI01: O presente material é meramente ilustrativo, tratando-se de representação artística e tendo sido elaborado para divulgação do empreendimento.

EI02: Mapa meramente ilustrativo com distâncias alteradas. Material preliminar de divulgação.

EI03: Os equipamentos, mobiliários e representações do entorno, constantes do presente material, são meramente ilustrativos, podendo sofrer revisão de modelos, especificações e quantidades. As vegetações nas ilustrações artísticas são de porte adulto, a ser atingido após a entrega do empreendimento.

EI04: Os equipamentos, mobiliários, adornos e revestimentos constantes do presente material são meramente ilustrativos. As vegetações nas ilustrações artísticas são de porte adulto, a ser atingido após a entrega do empreendimento.

EI05: Os equipamentos, mobiliários e revestimentos constantes do presente material são meramente ilustrativos, podendo sofrer revisão de modelos, especificações e quantidades. As vegetações nas ilustrações artísticas são de porte adulto, a ser atingido após a entrega do empreendimento.

Como será observado no próximo tópico, todos os encartes negam ter ali um mapa, e afirmam que se trata de uma divulgação (para comercialização, para venda, para criar o interesse de compra), que, além de criar ilustrações da fachada e de ambiente interno, faz-se uso também do espaço geográfico que é diretamente experimentado por meio de imagens e simbologias, no qual Lefebvre (1991) concebe esse mesmo espaço como sendo representacional, dominado e passivamente recebido que a imaginação procura mudar e apropriar.

Essa negação, pode ser compreendida por duas questões: 1) pelo mapa ter a ideia de representar a realidade como ela é; 2) se for um mapa e ter que apresentar a realidade como ela é, a mesma comunicação pode ser considerada propagando enganosa, mas sendo uma ilustração sem compromisso com o espaço geográfico do entorno, pois a generalização cartográfica irá omitir flagelos no entorno.

Assim, o discurso dos mapas dos empreendimentos imobiliários apresentados, precisam ser ratificados pelas diversas simbologias e cores para os futuros interessados por essa compra.

Encartes do mercado imobiliário e o simbolismo dos seus mapas

Assim como a linguagem falada ou escrita, a linguagem cartográfica possui intencionalidades. A esse respeito, essas intenções nos mapas possuem um discurso por trás da sua simbologia, muitas vezes, político, geopolítico, cultural, dentre outras, mas no estudo de caso em debate, destaca-se o discurso mercadológico.

É possível perceber como os espaços representados nos encartes, omitem, sobretudo, as áreas de favelas, de modo que substituem por morros com vegetações ou simplesmente nada colocam ali. Tal compreensão desse tipo de discurso, de acordo com Gonçalves (2008), é porque a lógica de produção de um espaço exclusivo, condição para o sobre lucro da atividade imobiliária, é reproduzida nesses mapas. Esse processo, por sua vez, ocorre a partir da afirmação e, simultaneamente, da negação de determinados elementos do espaço real.

Essas representações possuem, enquanto discurso, a posição geográfica dos empreendimentos, que é absoluta a todos os demais serviços, com posição relativa, que podem ser consumidos por quem residir em tal área, tais como shoppings,

Mapeamentos alternativos para usar na educação básica...

Rodrigo Batista Lobato e Paulo Márcio Leal de Menezes

centros comerciais, estádios, universidades, hospitais, delegacias, colégios, supermercados e restaurantes, por exemplo.

Outro aspecto que buscam-se destacar, é referente à mobilidade urbana, mostrando o tempo médio do deslocamento do empreendimento até outras localidades, com a oferta de vias de acesso para quem se deslocar de carro, para quem está a pé, ou ainda com a promessa de proximidade das estações de metrô ou de BRT (*Bus Rapid Transit*), exemplificando transportes coletivos.

Dentre esses cinco mapas, um deles possui uma perspectiva a partir de uma foto aérea oblíqua, fazendo uso do sensoriamento remoto, na figura 01. Este não aponta que a representação é meramente ilustrativa, mas o interessante analisar aqui, é o ponto de vista desta apresentação, pois se a visão fosse outra, o que se teria no fundo do encarte seria o Complexo do Alemão, como pode ser visto na figura 02.

BEM NO CORAÇÃO DA ZONA NORTE E PERTO DE TUDO QUE VOCÊ PRECISA.
NASCEU UM JEITO COMPLETAMENTE NOVO DE VIVER.

Viver ao lado do metrô, de shoppings e das principais avenidas da Zona Norte, torna o seu dia a dia muito mais prático.

2
MINUTOS DO SHOPPING NOVA AMÉRICA

2
MINUTOS DO METRÔ

5
MINUTOS DA LINHA AMARELA

10
MINUTOS DO NORTESHOPPING

Visite o Stand: Estrada Adhemar Bebiano, 257 - loja I (antiga Estr. Velha da Pavuna). Ao lado do Shopping Nova América e da estação do metrô.

RIZ CARRELA

REALIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO:
Living PDG

Memorial de Incorporação registrado sob o R. nº de matrícula 115144 em 20/03/11, no cartório do 9º Ofício de Registro de Imóveis do Rio de Janeiro. Projeto aprovado na Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro sob o nº 4027/089 (7/2011). Responsável Técnico: Diogenes José Marques Hamacher - CREA/RJ: 30041008/1. Os equipamentos, instalações e revestimentos constantes do presente memorial são meramente ilustrativos podendo sofrer alterações de modelo, especificações e quantidades. As vegetações nas ilustrações artísticas são de porte arbóreo, e foi atingido após o encerramento do empreendimento. *Algumas unidades são reservadas para o Parque Carioca. Consulte o site construtora para saber mais sobre o empreendimento.

Figura 01: Encarte do empreendimento imobiliário Carioca Residencial.
Fonte: Encarte de venda Cond. Carioca.

Mapeamentos alternativos para usar na educação básica...

Rodrigo Batista Lobato e Paulo Márcio Leal de Menezes



Figura 02: Ponto de vista oposto do encarte do Condomínio Carioca, com a favela representada pelo polígono amarelo.

Fonte: Google Earth.

Pode-se observar abaixo, na figura 03, que o morro da Mangueira, assim como a linha de trem, não é representada, logo, apagados desse espaço geográfico e, no fundo, percebe-se uma planície vazia.

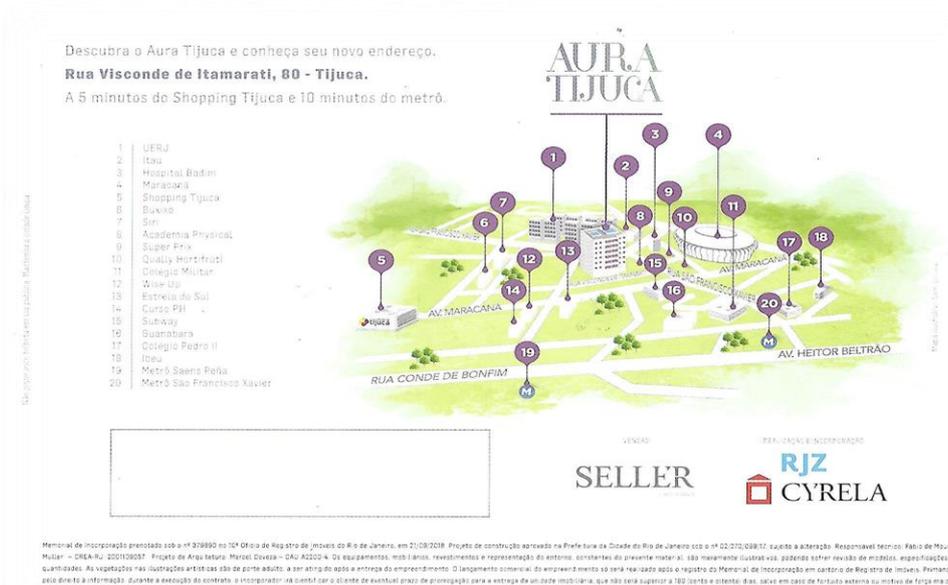


Figura 03: Encarte Condomínio Aura Tijuca.
Fonte: Encarte de venda Cond. Aura Tijuca.

A figura 04, não querendo representar outras áreas de favelas, na qual destaca-se a localidade de Rio das Pedras, na zona oeste do Rio de Janeiro, colocando, no lugar

Mapeamentos alternativos para usar na educação básica... Rodrigo Batista Lobato e Paulo Márcio Leal de Menezes

dela, um morro verde e parcialmente arborizado. Em outra parte, as favelas são simplesmente ignoradas na apresentação cartográfica.



Figura 04: Encarte Condomínio Reserva Park Itanhangá.
Fonte: Encarte de venda Cond. Reserva Park Itanhangá.

Na figura 05, a comunidade da Cidade de Deus, na mesma cidade, não é lembrada também e tem-se uma área verde na posição aproximada em que ela se encontra. Neste mapa, também, não tem nenhuma outra favela representada.

Mapeamentos alternativos para usar na educação básica... Rodrigo Batista Lobato e Paulo Márcio Leal de Menezes

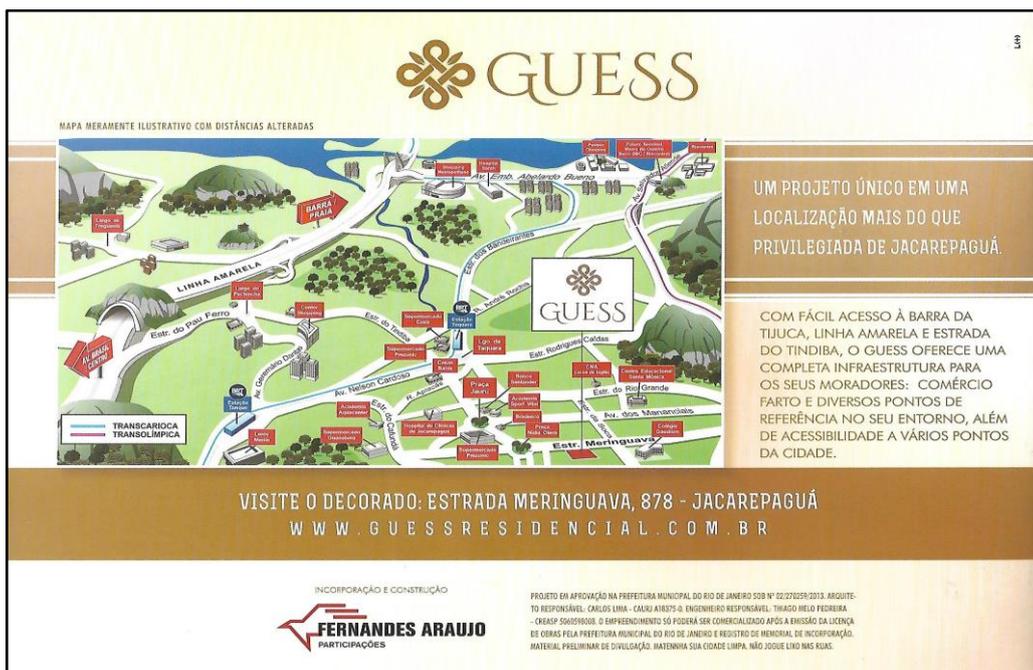


Figura 05: Encarte Condomínio Guess.
Fonte: Encarte de venda Cond. Guess.

Por fim, a última apresentação cartográfica tem um alto grau de generalização que, como pode ser vista na figura 06, o verde escolhido traz o imaginário de áreas arborizadas, com algumas árvores e alguns empreendimentos-chave para se mostrar a proximidade do imóvel em venda para os demais serviços.

**A exclusividade de um clube privativo
com a tranquilidade da natureza.
Uma combinação perfeita.**

Venha curtir a vida com bem-estar, serviços
e conveniências em um só lugar.

BOSQUE | PISCINAS ADULTO E INFANTIL | CHURRASQUEIRA | SAUNA E REPOUSO | SALÃO DE FESTAS INFANTIL | BRINQUEDOTECA
LAN HOUSE | SALA DE JOGOS INFANTIL | SALÃO DE FESTAS | ESPAÇO GOURMET | SALA DE JOGOS ADULTO | HOME OFFICE |
HOME CINEMA | FITNESS.

Estrada Macembu, 369 - Taquara
www.viaaltomapendi.com.br
Ligue: (21) 3648-0562

O presente material é meramente ilustrativo, tratando-se de representação artística e tendo sido elaborado para a divulgação do empreendimento. As perspectivas, masterplan, plantas, materiais e mobiliário ora apresentados poderão ser alterados por produtos similares no mercado ou até mesmo substituídos, sem nenhum aviso prévio, podendo sofrer alterações de cor, textura, formato, metragem etc. Engenheiro responsável: Délcio José Fernandes - CREA 35623/D. Se houver informações conflitantes entre o memorial de incorporação e este material publicitário prevalecem as informações na seguinte ordem: memorial de incorporação e material publicitário. Impresso em 19 de maio de 2017.

Figura 06: Condomínio Via Alto Mapendi.
Fonte: Encarte de venda Cond. Via Alto Mapendi.

Dos cinco mapas observados, quatro possuem nomes geográficos relativos a prédios, shoppings, vias e não as áreas de lazer ao ar livre, mas, em todo o encarte, é perceptível que todos eles oferecem esse serviço de atividades de lazer no próprio condomínio, como brinquedotecas, piscinas, espaços de confraternização e áreas verdes arborizadas. Aquele que consta topônimos de áreas de lazer fora do condomínio (figura 05), coloca a praia da Barra e o Bosque da Barra, mas também sem dar muita evidência.

Diante disso, buscou-se aqui trazer o uso dos mapas imobiliários da cidade do Rio de Janeiro que são difundidos nos *folders* de venda de imóveis, no qual comunicam informações considerando que aquele que lê desconhece o seu espaço geográfico vivido e experienciado, ou ainda, que entende que a pessoa conhece o Rio de Janeiro, seu espaço, mas, mesmo assim, sente-se à vontade de fazer um marketing omitindo flagelos no espaço geográfico de modo a temer que o seu produto tenha o preço depreciado.

Mesmo desconhecendo, é cabível que na compra de um imóvel esse futuro proprietário, no mínimo, conheça o local do empreendimento para visitar o stand de vendas e o apartamento decorado, e talvez pela animação do sonho da casa própria, mesmo ao perceber ao menos partes dos problemas sociais que são omitidos no entorno do mapa, isso não fará com que o mesmo se sinta prejudicado pelo panfleto omitir tais informações.

A esse respeito, é preciso ficar claro que não existe imparcialidade no mapeamento, pois o mapeador pode escolher o que aparece ou desaparece no mapa sendo mediado pela escala cartográfica escolhida que vai fazer a generalização cartográfica da informação espacial, tal como é apresentado por Menezes e Fernandes (2013). Outra possibilidade é escolher, de maneira arbitrária, a informação espacial na mesma escala, para fazer essa comunicação e discurso que a construtora quer, sendo mediado pela toponímia, simbologia e cores escolhidas.

À guisa da conclusão

Fica evidente como que a linguagem cartográfica faz parte do nosso cotidiano, e está inserida em uma cultura cartográfica do dia a dia (sociogênese cartográfica).

Embora esse mapa esteja articulado com uma linguagem que pode ser usada de acordo a intenção de quem enuncia, corroborando o discurso de quem emite, pôde-se pensar nesses mapas imobiliários por uma perspectiva de Girardi (2014), ao utilizarem a abordagem da imagem cartográfica contemporânea como produtoras de mundo. Em decorrência desses discursos, “essas imagens são elementos de significação e devem ser analisadas enquanto tal. A pergunta fundamental assim é: o que aquela imagem nos faz ver?” (GOMES, 2017, p. 139).

Os mapas dos empreendimentos imobiliários, tem a intenção de alavancar as vendas dos imóveis, e não se vê problema nisso, pois como é dito, “a propaganda é a alma do negócio”. Assim, este estudo não tem como objetivo fazer julgamento de juízo do discurso que esses mapas possuem, porém, não se pode negar que, nesse discurso que é apresentado um Rio de Janeiro das maravilhas, sem favelas, sem áreas periféricas, com oferta de um farto serviço de bens e serviços, e por fim, com uma mobilidade urbana individual e coletiva integradora.

Tais mapas, distribuídos tanto nos sinais de trânsito como também colocados nas caixas de correios estão acessíveis para o seu uso em sala de aula. Desta forma, o professor de Geografia pode utilizar esse tipo de mapeamentos alternativos do cotidiano, além de utilizar as autorias dos estudantes para desenhar outras informações geográficas que tais mapas omitiram, e poderá discutir com seus discentes como a Cartografia pode auxiliar esse processo de discursos da produção do espaço geográfico, ou ainda, seguir em uma Cartografia Social e colaborativa para gerar contramapeamentos desses discursos mercadológicos dos encartes imobiliários.

Referências

CORRÊA, D.C. **Cartografia Histórica do Rio de Janeiro: Reconstituição Espaço-Temporal do Centro da Cidade**. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Rio de Janeiro, 2008.

GIRARDI, G. Mapas alternativos e educação geográfica. **PerCursos**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 39-51, 2012.

GIRARDI, Gisele. Modos de ler mapas e suas políticas espaciais. **Espaço e Cultura**, [S.l.], p. 85-110, 2014.

GOMES, P.C.C. **Quadros geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar**. 1ª Ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

GONÇALVES, T. M. **Leituras de mapas de propaganda imobiliária como possibilidade de investigação do espaço urbano**. Geografares, Vitória, nº6, 2008. Disponível em: <<http://www2.cchn.ufes.br/geoufes/geografares/>>. Acesso em: 20 dez. 2020.

LEFEBVRE H. **The production of space**. Oxford: Basil Blackwell, 1991.

LOBATO, R. B. **Multiletramentos na Cartografia**. 239f. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020.

LOBATO, R. Novas leituras para o ensino de Cartografia. In: LOBATO, Rodrigo Batista; BRUM, Jean Lucas da Silva; (orgs). **Linguagens visuais na Geografia: mapas, imagens e discursos**. Rio de Janeiro: – Rio de Janeiro: UVA, 2021.

LOBATO, R. B.; COELHO, P. D. B. M.; PARRINE, D. S. A. Mapas infantis e desenhos animados. In: **Cartografia: mapa, linguagem e narrativa**. Rodrigo Batista; BRUM, Jean Lucas da Silva; (orgs). – Rio de Janeiro: UVA, 2021.

LOPES, J.J.M. Geografia e Educação Infantil: espaços e tempos desacostumados. – Porto Alegre: Mediação, 2018.

LOPES, J.J.M.; MELLO, M.B. Cartografia com crianças: lógicas e autorias infantis. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 7, n. 13, p. 67-78, jan./jun., 2017.

LOPES, J.J.M.; COSTA, B.M.F.; AMORIM, C.C. Mapas Vivenciais: possibilidades para a Cartografia Escolar com as crianças dos anos iniciais. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 6, n. 11, p.237-256, jan/jun., 2016.

MARTINELLI, M. **Mapas da Geografia e Cartografia Temática**. 6ª Ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2014.

MENEZES, P.M.L.; FERNANDES, M.C. **Roteiro de Cartografia**. São Paulo: Oficina de Textos, 2013.

SEEMANN, J. Cartografia e cultura: abordagens para a Geografia Cultural. In: **Temas e caminhos da Geografia Cultural**. ROSENDAHL, Zenny; CORRÊA, Roberto Lobato. (Org). – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

SEEMANN, J. **Carto-Crônicas: Uma viagem pelo mundo da cartografia**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.

SEEMANN, J. O currículo dente-de-sabre da Cartografia no Brasil: reflexões sobre a transmissão de saberes e fazeres no ensino superior. In. **Formação e docência em Geografia: narrativas, saberes e práticas / Jussara Fraga Portugal, Simone Santos de Oliveira, Solange Lucas Ribeiro organizadoras**. - Salvador: EDUFBA, 2015.

SIMIELLI, M. E. R. Cartografia no Ensino Fundamental e Médio. In: **A geografia na sala de aula**. CARLOS, A.F.A. (Org). 8. Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

Recebido em 30 jun 2021;
aceito em 30 jul. 2021.